



A falsa esperança

Marco Gomes **Associate Director da** **Ray Human Capital**

Não é fácil iniciar um novo ano a pensar em qual será a melhor estratégia a adotar para fazer face às dificuldades que se avizinham. O clima social instável, o poder de compra a diminuir com as constantes medidas de austeridade e o desemprego a aumentar sem sabermos muito bem como controlá-lo, a par da tão famosa discussão da entrada do FMI em Portugal, contribuem para um cenário pouco agradável que parece ainda não ter sido totalmente desenhado. Atravessamos um período em que precisamos de soluções que fomentem esperança nos portugueses, contudo com os fraquíssimos debates e campanhas políticas para as eleições Presidenciais a que assistimos, onde a preferência recai na crítica destrutiva e em quezílias do tipo BPN, a esperança esvanece-se. O Governo não tem solução senão criar medidas que fomentem o crescimento da economia (é o mínimo que se espera) e, conseqüentemente, criar mais emprego. O racional subjacente a algumas destas medidas assenta em continuar a aumentar as exportações de forma a estimular o investimento no nosso tecido empresarial, nomeadamente em

ideias com elevado índice empreendedor que nos projetem nos mercados internacionais no curto prazo e que levam à criação de mais emprego. Contudo, pergunto-me: conseguirá o Governo implementar as medidas? Se o FMI nos visitar, a probabilidade de uma mudança governamental é enorme, pelo que as medidas ficarão muito provavelmente na gaveta! Esta semana o Dr. Basílio Horta mencionava que o lucro do investimento estrangeiro em Portugal, ao invés de estar a ser novamente investido no nosso mercado, acaba por ser enviado para o país de origem. Estes desequilíbrios, conjugados com a falta de confiança não promovem o investimento e conduzem a um índice de empregabilidade mais baixo. Temos, rapidamente, de estimular o investimento nacional e internacional de elevado potencial para fazer crescer a economia, fomentar o emprego e qualificar a mão de obra para fazer face aos desafios que se adivinham. Acredito vivamente neste caminho, mas quando esta semana recebi a notícia de que as candidaturas para estágios no IEFP estavam encerradas e quando uma das medidas apontadas prevê a criação de 50 000 estágios profissionais, como devemos reagir? Resta-nos continuar a acreditar.